

EDITORIAL

Este segundo número do volume 18 dos *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, particularmente rico e diverso, nasce da confluência de duas dinâmicas complementares. A primeira – como já destacado no editorial da edição anterior – refere-se à recente mudança na direção da revista, que assume o desafio de valorizar seu patrimônio editorial e, ao mesmo tempo, ampliar seus horizontes, projetando-a de maneira renovada para o futuro.

A segunda dinâmica diz respeito à colaboração entre a Unesp – em especial o Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp de Araraquara (GPS-Unesp) – e a Universidade de Bolonha. Essa parceria frutífera tornou-se possível graças ao projeto Marie Skłodowska-Curie Global “Voices from the Anthropocene. Maps and Frameworks for Ecological Conflicts (VAMP)” (G. A. n. 101106065)¹, desenvolvido por Carlo Andrea Tassinari e supervisionado, no Brasil, por Jean Cristtus Portela, e, na Itália, por Claudio Paolucci.

Com o intuito de contribuir para a construção de um olhar propriamente semiótico sobre os desafios contemporâneos colocados pela ecologia – e de evidenciar seu valor epistemológico e político –, o projeto concretizou-se em uma série de atividades e percursos de pesquisa, entre eles, o dossiê “Vozes do Antropoceno”, que integra este número dos CASA como marco e continuidade².

“Vozes do Antropoceno” foi também o título da série de encontros promovidos pelo Seminário de Semiótica da Unesp (SSU)³, de onde se originam alguns dos trabalhos aqui reunidos. Essa iniciativa permitiu fortalecer o diálogo entre a tradição semiótica italiana – particularmente aquela que se reconhece como prolongamento do legado de Umberto Eco – e a comunidade semiótica brasileira, além de ampliar as interfaces com outras áreas do conhecimento nas quais o interesse pelas tensões ecológicas e ambientais vem adquirindo crescente relevância.

Em vista disso, o dossiê temático deste número dos CASA almeja colocar a questão do Antropoceno e das crises ambientais como objeto de reflexão próprio das ciências que se

1 Voices from the Anthropocene. Maps and Frameworks for Ecological Conflicts | VAMP | Project | Fact Sheet | HORIZON | CORDIS | European Commission

2 Carlo Andrea Tassinari, coautor deste editorial, aproveita a ocasião para agradecer a todos os membros do GPS que o acolheram durante sua estada de 16 meses em Araraquara: Flavia Karla Ribeiro Santos, Giovanna Longo, Jean Cristtus Portela, Júlia Lourenço, Matheux Nogueira Schwartzmann, Patricia Veronica Moreira e Thiago Moreira Correa.

3 É possível assistir a esses e a outros encontros na página oficial do SSU e em seu canal correspondente no YouTube: Seminário de Semiótica da Unesp - YouTube

questionam sobre as práticas significantes e interpretativas, relançando o diálogo entre semiótica e ciências sociais a partir das questões ecológicas contemporâneas. *Crisis* de crises, o Antropoceno foi, de fato, uma oportunidade para repensar o capitalismo, o colonialismo, a tecnoesfera, a relação entre gêneros e a cultura em geral, estendendo a crítica desses conceitos ao planeta e, em geral, aos efeitos transformadores que cada um desses “hiperobjetos” tem sobre a habitabilidade dos ambientes em que estão inseridos. Cada uma dessas interpretações enfatiza uma dimensão diferente e indispensável da interdependência entre crises ambientais e crises nos modelos de convivência. No entanto, nenhuma delas, isoladamente, consegue reunir todas as energias intelectuais que o Antropoceno parece ter liberado. E não apenas porque são aspectos parciais de um conjunto mais amplo, mas principalmente, e mais profundamente, porque cada uma dessas interpretações tende a fechar a margem de incerteza que a ideia de uma era geológica feita pelo homem abre.

Assim, este dossiê reúne um conjunto de reflexões semióticas, discursivas e estéticas sobre os modos de enunciação da crise ecológica contemporânea, tentando interpretá-la como uma crise das categorias que medeiam nosso relacionamento com o meio ambiente, colocando-nos em uma profunda incerteza que é, também e sobretudo, uma crise de sentido. A partir de diferentes perspectivas teóricas – da semiótica à análise do discurso, da semiótica plástica aos estudos decoloniais –, os textos aqui apresentados interrogam-se sobre como o Antropoceno, mais do que uma era geológica, constitui-se como um campo de disputas simbólicas, políticas e comunicacionais. O dossiê propõe compreender as formas de sentido, de afeto e de representação que emergem diante das transformações ambientais e de suas reverberações culturais e sociais, apresentando ao leitor e à leitora dos CASA trabalhos que se inserem em cinco importantes eixos temáticos.

Os artigos que inauguram o dossiê tratam do “efeito-Antropoceno”, ou seja, dedicam-se às abordagens teóricas e conceituais do Antropoceno a partir da semiótica cognitiva. Claudio Paolucci, em “Como se reconhece a semiótica cognitiva? Uma virada material entre enunciação, nichos semióticos e vozes do Antropoceno”, traça o perfil de uma nova semiótica cognitiva inspirada no legado de Umberto Eco, propondo uma virada material nos estudos semióticos, centrada em três marcas: enativismo radical, pragmatismo e engajamento material. No artigo “A agência em chamas: semiótica cognitiva e crise ecológica no discurso sobre os incêndios”, Carlo Andrea Tassinari desenvolve essa abordagem em uma análise do tratamento midiático das queimadas que ocorreram no Brasil em 2024. Trata-se de um teste decisivo do pano de fundo teórico do projeto de pesquisa *VAMP*, que revela como a narrativa jornalística expressa uma crise cognitiva das categorias de causalidade e responsabilidade, exemplar da condição de instabilidade semântica do Antropoceno. Complementando e concluindo esse eixo temático com originalidade, Lucia Santaella, em “Os mil nomes do Antropoceno”, oferece uma síntese crítica das principais contribuições teóricas sobre o tema, propondo um repensar ontológico do humano diante da crise ecológica global.

O segundo eixo temático, aquele dos “imaginários dos riscos e das catástrofes”, enfoca os discursos e representações das crises ambientais contemporâneas. Assim, Cristina Zanella Rodrigues e Rodrigo Oliveira Fonseca, em “Um estado onde não pode chover mais: modalizações e posturas enunciativas no gerenciamento discursivo das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul”, analisam o discurso institucional e popular nas redes sociais da Prefeitura de Pelotas, mostrando como o negacionismo e a crença se entrelaçam no enfrentamento de tragédias climáticas. Já Éric Alan de Azevedo e Roberto Leiser Baronas, em “Matrizes de materialidade em relatórios de sustentabilidade corporativos: uma perspectiva da semiótica tensiva e plástica”, examinam as estratégias visuais e discursivas de empresas do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3), discutindo como gráficos e matrizes operam como dispositivos de legitimação simbólica dos riscos ambientais.

O dossiê traz, ainda, abordagens sobre “design e consumo no Antropoceno”, na medida em que discute as intersecções entre *design* e comunicação em tempos de crise ambiental. Eneus Trindade, em “Aproximações e distinções entre mediações e mediação aplicadas ao consumo: perspectivas sobre o Antropoceno e o olhar sociosemiótico”, propõe uma leitura crítica das práticas de consumo a partir da sociosemiótica de Éric Landowski, destacando o desafio de pensar mediações e significações em contextos latino-americanos. Já Mireille Mériçonde, em “La relation sujet / objet en design environnemental”, reflete sobre a transformação do dualismo sujeito/objeto à luz da semiótica e da mesologia, propondo novos modelos de coexistência entre humanos, não humanos e seus meios.

O quarto eixo temático do dossiê examina as dimensões estéticas das políticas do discurso ecológico, até uma “estéticas das políticas ecológicas”. Michelle de Carvalho Santos, em “A abordagem negacionista da Agenda 2030: do parlamento para o *feed*”, analisa o discurso da deputada Ana Campagnolo sobre a Agenda 2030, mostrando como o negacionismo climático se ancora em paixões como medo e raiva, e mobiliza crenças no espaço digital. No artigo “Dinâmicas enunciativas no enfrentamento de crises e catástrofes: a via poética da rede Katahirine”, Kati Caetano e Julio César Rigoni Filho investigam os discursos audiovisuais de cineastas indígenas, evidenciando como práticas poéticas e enunciativas afirmam uma política de convivência e resistência nas redes digitais.

O último eixo temático volta-se às expressões artísticas e narrativas que reimaginam o Antropoceno em perspectiva simbólica e decolonial, e revira a perspectiva do eixo anterior, propondo análises das “políticas das estéticas ecológicas”. Nesse sentido, Rodrigo Nunes da Silva e Linduarte Pereira Rodrigues, em “Território, corpo e resistência: o grito da terra e o imaginário materno em Distância de Resgate”, analisam o romance de Samanta Schweblin como uma narrativa pansemiótica que reinscreve mitos coletivos em novas formas de representação do desastre socioambiental. Encerrando o último eixo temático e o dossiê, Beatriz Rodrigues Cunha de Oliveira, Josenildo Campos Brussio e Emanuely Conceição Silva Teles, no artigo “Decolonizando o Antropoceno através da

arte e resistência na animação brasileira *Uma História de Amor e Fúria* (2013)”, propõem uma leitura decolonial do Antropoceno a partir da animação de Luiz Bolognesi e do pensamento de Ailton Krenak, reafirmando o gesto poético-político de “adiar o fim do mundo”.

Se, nos 11 trabalhos que compõem o dossiê “Vozes do Antropoceno”, os autores voltam-se para o discurso em torno dos problemas ecológicos, desde o estabelecimento de seu estatuto nas teorias semióticas, passando por crises de responsabilidade e reconhecimento até chegar às formas de consumi-los e políticas a eles relacionados, os seis artigos que compõem a seção *Varia* deste volume 18, nº 2, da revista CASA, problematizam os desafios impostos à análise de discursos que se manifestam a partir das novas tecnologias digitais, do tratamento editorial dado a obras traduzidas e das formas de expressão criativa que se fazem significar nas artes ou nas passarelas.

Assim, no artigo que inaugura essa seção, “Inteligências artificiais generativas e viés algorítmico: um novo paradigma semiótico”, Matheux Nogueira Schwartzmann e Silvia Maria de Sousa, tendo como *corpus* imagens e *prompts* gerados por sistemas de inteligência artificial (IA) generativa a partir de busca, em bancos de dados, de imagens de mulheres em diferentes cidades e regiões brasileiras, apresentam uma contribuição inédita da semiótica discursiva para uma reflexão crítica sobre o modo como os algoritmos e os bancos de dados utilizam estereótipos para reproduzirem a imagem da mulher brasileira em conformidade com padrões identitários hegemônicos. Já em “*De l'imperfection*: práticas e gêneros editoriais”, Patricia Veronica Moreira e Jean Cristtus Portela examinam duas edições brasileiras da obra greimasiana *Da imperfeição*, de 2002 e 2017, para identificar as mudanças de gênero editorial e as consequentes reconfigurações da prática de leitura proposta na versão original *De l'imperfection*, de 1987. Para tanto, apoiam-se nas contribuições fontanillianas sobre gênero e análise em níveis de pertinência.

A estética da literatura contemporânea ganha destaque no artigo “Entre ruídos e sentidos: a perda auditiva em *Águas-vivas não têm ouvidos*”, de Renan Luis Salermo, que utiliza o ferramental teórico da semiótica greimasiana para demonstrar como a linguagem oral participa da reconstrução da identidade de um sujeito que vivencia o processo de perda auditiva no romance *Águas-vivas não têm ouvidos*, de Adèle Rosenfeld. Por sua vez, Eduardo Calbucci adota as perspectivas greimasiana e zilberberguiana, correlacionando letra e melodia para verificar como a vertigem actancial do texto verbal também se revela melodicamente na canção “Bem-querer”, de Chico Buarque, originalmente produzida para a peça teatral *Gota d'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, em “Vertigem actancial em uma canção de *Gota d'água*”.

Paulo Fernando De Marchi é autor de “A estética transgressora da moda contemporânea: uma análise semiótica”, que se ampara nas propostas teórico-metodológicas das semióticas de vertentes americana (Charles Sanders Peirce) e italiana (Umberto Eco), bem como na psicologia social do consumo e nos estudos culturais, para desvelar como

a estética da moda de Balenciaga é transformada por meio de uma prática transgressora que ressignifica valores e sentidos, moldando, assim, identidades e comportamentos. O último trabalho dessa seção, “A programação do texto: implicação e recursividade em comissões de frente de escolas de samba”, de Leandro Lima Ribeiro, analisa as comissões de frente de duas escolas de samba – Unidos da Tijuca, em desfile de 2010, e Unidos de Vila Isabel, em durante desfile realizado em 2019 –, sob o olhar da semiótica da Escola de Paris, para identificar os efeitos de sentido (de estesia e neutralização do tempo, por exemplo) produzidos por procedimentos de programação do texto, como formulação e reformulação implicativas, aceleração e desaceleração recursivas.

Diante do quadro ora apresentado, cabe destacar que o conjunto de artigos reunidos no dossiê “Vozes do Antropoceno” confirma a vitalidade e a pluralidade da semiótica e dos estudos discursivos diante das urgências do nosso tempo. Entre teoria e prática, entre linguagem e política, as *Vozes do Antropoceno* ressoam como convite à reflexão crítica sobre os modos de habitar e significar o planeta. De sua parte, os textos da seção *Varia* trazem distintos olhares semióticos sobre formas de produção de sentido materializadas em semióticas-objeto que circulam e são recepcionadas em diferentes espaços e situações de interação humana. Por meio de práticas semióticas originais, ressignificadas ou tradicionais, esses objetos enunciam discursos que, em maior ou menor medida, tanto podem moldar como subverter comportamentos e modos de pensar na vida cotidiana.

Assim, deixamos ao leitor e à leitora nosso convite para conferir os trabalhos que fazem parte dessa rica edição da revista CASA.

Carlo Andrea Tassinari, Jean Cristtus Portela e Flavia Karla Ribeiro Santos

Araraquara, dezembro de 2025.